

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL
São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia
Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/index>

V. 1, n. 2, jul./dez., 2023, p. 144-160.

O QUE VAMOS GANHAR COM ISSO? “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos” (Mc 10,28)

WHAT WILL WE GAIN FROM THIS?

"Behold, we have left everything and followed you" (Mc 10,28)

*Valter Luiz Lara**

RESUMO: O Evangelho segundo Marcos traz como tema central a identidade de Jesus e o significado de seu seguimento para os discípulos. No centro encontra-se a revelação de que Jesus é o Cristo, o Messias tão esperado (Mc 8,29). Entretanto, é no caminho para Jerusalém que o significado dessa confissão de fé vai sendo discutido, em meio à dificuldade ou cegueira dos discípulos. O objeto de análise aqui proposta se concentra na questão da recompensa, detalhada na resposta que Jesus (Mc 10,29-30) dá ao ousado e corajoso pronunciamento de Pedro, dirigido ao mestre: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos” (Mc 10,28). A contextualização histórica do escrito, aliada a uma análise da estrutura da narrativa, são pressupostos da metodologia empregada para compreender mais precisamente a forma literária do paralelismo que Jesus usou para responder a Pedro. Quando se compara o que se perde e o que se ganha com o seguimento, lendo cuidadosamente cada termo nas duas listas paralelas proclamadas por Jesus, sua resposta a Pedro continua surpreendente e desafiadora.

Palavras-chave: Evangelho; Marcos; Seguimento; Recompensa; Cegueira.

ABSTRACT: *The central theme of the Gospel of Mark is the identity of Jesus and the meaning of following him for the disciples. At the core is the revelation that Jesus is the Christ, the long-awaited Messiah (Mk 8:29). However, it is on the way to Jerusalem that the meaning of this confession of faith is discussed amid the difficulty or blindness of the disciples. The focus of the analysis proposed here centers on the question of reward, detailed in Jesus' response (Mk 10:29-30) to Peter's bold and courageous statement to the master: "Behold, we have left everything and followed you" (Mk 10:28). The historical contextualization of the writing, combined with an analysis of the narrative structure, are premises of the methodology employed to more precisely understand the literary form of parallelism that Jesus used to respond to Peter. When comparing what is lost and what is gained in following, reading carefully each term in the two parallel lists proclaimed by Jesus, his response to Peter remains surprising and challenging.*

Keywords: *Gospel; Mark; Following; Reward; Blindness.*

* Doutor em Ciências da Religião pela UMESP – Universidade Metodista de São Bernardo do Campo/SP, professor na área dos Estudos Bíblicos, Antropologia Filosófica e Teológica, Ética e Cidadania.

INTRODUÇÃO

A constatação de Pedro soa como uma indagação mais ou menos assim: “E então Jesus, nós largamos tudo para te seguir, mas o que a gente ganha com isso?” A resposta do mestre confirma o tom do questionamento ousado de seu discípulo. O mais interessante é que sem nenhum constrangimento, Jesus descreve em detalhe o “tudo” que Pedro diz deixar, mas não ousou mencionar e aponta com firmeza qual é a recompensa por tamanho despojamento. O detalhamento da resposta de Jesus é, pois, o objeto desse nosso artigo. Pretendemos analisar com muita atenção, procurando entender o alcance de seu significado para os discípulos de ontem e de hoje, principalmente para aqueles que ainda se surpreendem com palavras tão desafiadoras.

Inicialmente já é impressionante a coragem da questão colocada por Pedro, pois admite que os discípulos deixaram tudo e ao fazê-lo, suas palavras ecoam quase como uma reivindicação ao mestre, afinal, ele acabara de declarar diante de todos que é muito difícil entrar no Reino de Deus alguém que tenha acumulado riqueza (Mc 10,23-27).

O exemplo do homem rico que foi incapaz de dispor de seus bens em benefício dos pobres revelou que o amor a Deus não estava acima do apego que ele tinha ao que possuía, apesar da vida piedosa, aparentemente devotada ao cumprimento de deveres e outras prescrições religiosas (Mc 10,17-22).

Portanto, propomos que a compreensão mais atenta de Mc 10,28-31 siga alguns passos importantes para que o conteúdo principal das palavras do próprio Jesus possa ser melhor esclarecido. Que a nossa análise seja capaz de trazer o texto tal como ele é, simples e desconcertante, tanto para os ouvidos de Pedro quanto para os nossos que querem estar abertos para escutar o que o Espírito nos tem a revelar.

O primeiro passo é contextualizar historicamente o texto do evangelista e fazer um breve esboço do conteúdo de sua obra (1). O segundo é a contextualização narrativa imediata do texto a ser analisado (2) e o terceiro (3) e último é a análise mais literal possível do que realmente está escrito, visando entender o paralelismo do enunciado que é central na resposta de Jesus a Pedro e que está notavelmente escrito nos versos 29 e 30 do capítulo 10.

1. OBJETIVO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO EVANGELHO

O Evangelho segundo Marcos é uma obra cujo título declara desde o início, o seu objetivo maior: mostrar o “*Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus*” (Mc 1,1) de modo a permitir que seu leitor entre na dinâmica da confissão de fé (Mc 8,29) e seguimento

(Mc 8,34) daquele que é verdadeiramente o Messias (O Cristo), ainda que, em seu contexto imediato, as evidências históricas tentassem apontar para outros falsos messias (Mc 13) como representantes guerreiros e virtuais vencedores da guerra contra o império que libertaria o povo da dominação romana:

⁵Então Jesus começou a dizer-lhes: “Atenção para que ninguém vos engane. ⁶Muitos virão em meu nome, dizendo ‘Sou eu’, e enganarão a muitos. ⁷Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos alarmeis: é preciso que aconteçam, mas ainda não é o fim. ⁸Pois levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino. E haverá terremotos em todos os lugares, e haverá fome. Isso é o princípio das dores do parto (Mc 13,5-8).

O contexto do evangelista é, portanto, o da Guerra Judaica contra os romanos em Jerusalém, na segunda metade dos anos 60 e que se prolonga até meados dos anos 70 dC. “A destruição do templo de Jerusalém, considerada como iminente ou já acontecida, constitui o pano de fundo do Evangelho (Mc 12,9; 13,14-19), o que situa o Evangelho pouco antes ou pouco depois de 70”.¹ Marcos escreve muito próximo e movido pelas questões da guerra. Se ainda não aconteceu, é muito provável que enquanto ele escreve, os romanos vençam os guerrilheiros judeus que tomaram Jerusalém. Eles acabarão por derrubar os muros da cidade, matar os revoltosos e expulsar os judeus de sua terra, destruindo o templo, que por muito tempo havia marcado a identidade de fé, a unidade sociocultural e política de um povo que procurava resistir à opressão do império.

O contexto de guerra é uma chave importante e a consideramos imprescindível para compreender o Evangelho. Se Jesus é o Messias crucificado pelos romanos com a conivência das elites dominantes de Jerusalém (Mc 14-15), há então uma identidade profunda com outros que se apresentaram como messias, mas também foram derrotados pelo mesmo inimigo. O desafio maior do evangelista, que escreve 40 anos depois da morte de Jesus, é mostrar qual a diferença entre Jesus e esses outros messias, muitas vezes aclamados como libertadores do povo na luta contra Roma. Manaém, João de Giscala e Simon bar Giora são alguns desses guerreiros mencionados por autores como Flávio Josefo² entre outros, como Teudas e Judas, o Galileu, reconhecidos inclusive pelo Novo Testamento (At 5,35-37).

¹ Cf. MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina*. I- De Paulo à Era Constantiniana. São Paulo: Loyola, 1996, p. 87.

² JOSEFO, Flávio. *Guerra dos Judeus. História da guerra entre judeus e romanos*. Lisboa: Sílabo, 2021. Cf. HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 112-124.

O contexto de guerra traz ingredientes que não podem ser ignorados quando se lê a obra de Marcos e mais especificamente o texto de Mc 10,28-31. A guerra traz muitas perdas e se colocarmos as palavras de Pedro nesse contexto, é possível compreender que o guerreiro também arrisca perder tudo, inclusive a própria vida, para seguir o seu líder ou o seu propósito de vencer e libertar-se de seu inimigo. Ele também deixa tudo para enfrentar o desafio da luta armada. Evidentemente que no trecho que lemos, o discípulo deixa tudo para seguir Jesus (Mc 10,28). Ele é o messias, disso Pedro não tem dúvida (Mc 8,29), mas será que é o messias da guerra? Jesus é o líder vitorioso que nos levará à vitória contra os romanos e, ao assumir o poder concederá aos seus, lugares privilegiados no novo governo (Mc 10,35-40)? Vejamos o que o evangelista esclarece a esse respeito.

2. A CEGUEIRA DOS DISCÍPULOS NO CONTEXTO NARRATIVO

O poder para dominar (Mc 10,41-45) e o acúmulo de riqueza (Mc 10,23) não são horizontes do projeto messiânico do homem de Nazaré. Isso é o que tenta mostrar a estrutura narrativa mais próxima (Mc 8-10) ao texto que discute qual será a recompensa dos discípulos que deixaram tudo para seguir Jesus (Mc 10,28-31).

2.1 ESTRUTURA GERAL DA NARRATIVA

Os autores que estudam o Evangelho segundo Marcos concordam que a estrutura geral da narrativa se divide em duas partes: antes e depois da revelação da identidade messiânica de Jesus pela boca de Pedro (Mc 8,29).

Na 1ª parte (Mc 1-8,28) abre-se o caminho para mostrar a identidade do Messias Jesus que vai se revelando aos poucos através de sua prática como profeta itinerante³. Ele é revelado em seus caminhos pela Galileia através de suas ações e palavras principalmente como **mestre** (Mc 4,38; 5,35), como “alguém que ensinava” (Mc 1,21-22) “um novo ensinamento [...] com autoridade” (Mc 1,27); como quem **cura** (Mc 1,29s; 2,1-12; 3,1-6; 5,1-43; 6,53-56; 7,24-37), expulsa demônios (3,22; 5,1-17), fala, age (Mc 6-8), reúne (Mc 1,16-20; 3,13-19) e envia seus discípulos (Mc 6,6b-13) como um verdadeiro **profeta** rejeitado em sua própria pátria (Mc 6,4).

Na 2ª parte do Evangelho (Mc 8,30-16,20) a revelação do Messias dá-se no caminho do “Filho do Homem” para Jerusalém (8,31-10,52), no confronto definitivo com as elites

³ A obra de Gerd Theissen analisa em detalhe a natureza social, econômica, política, cultural e religiosa do movimento itinerante organizado por Jesus e seus discípulos. THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 1989, p. 16-31.

dominantes do templo e do governo da cidade (Mc 11,1-13,36) e, finalmente, no relato da paixão do Cristo/Messias que é preso, julgado e assassinado, mas que vence a morte e ressuscita para dar vida aos que como ele continuam a resistir à violência sem retribuí-la com a mesma crueldade (Mc 14-16).

O curioso, no contexto da revelação central do episódio de Cesaréia de Filipe, é que Jesus tenha exigido segredo sobre sua identidade messiânica: “Então proibiu-os severamente de falar a alguém a seu respeito” (Mc 8,30). Esse traço do Evangelho segundo Marcos, reconhecido como “segredo messiânico” (Mc 1,34; 3,11-12; 7,36; 9,9), ainda que possa ser expressão da vontade do próprio Jesus, na hipótese de alguns analistas do texto, tem a função de preparar o leitor para a incompreensão dos discípulos sobre o verdadeiro significado do messianismo de Jesus e não permitir que fosse confundido com o messianismo violento de algumas tendências do davidismo⁴ da época tanto de Jesus quanto do tempo do evangelista.

As frequentes proibições de Jesus aos discípulos e a outros de que divulguem suas curas ou revelem sua qualidade messiânica se devem, não ao desejo de mantê-las secretas, mas à falta de compreensão de seus interlocutores, que poderiam confundir o seu messianismo à ideia popular de um nacionalismo violento⁵.

Em resumo, segue o quadro da estrutura de toda a narrativa marcana:

Introdução (Mc 1,1-15)

O título (Mc 1,1) e o objetivo (Mc 1,2-15):

Proclamação do Evangelho do Reino de Deus (Mc 1,2-15)

1ª Parte (Mc 1,16-8,28)

Jesus e sua prática na Galileia e seus arredores como profeta itinerante

Centro narrativo (Mc 8,29):

Jesus é o Messias – O Filho do Homem

2ª Parte (Mc 8,30-16,20):

⁴ O “Davidismo” pode ser considerado expressão da fé no Messianismo centrado nas tradições e memórias de Davi como Rei cuja dinastia jamais seria destruída, pois Deus estabelecera para sempre o seu reinado (2Sm 7,13). Trata-se de uma esperança que alimentou diferentes grupos judaicos em épocas distintas de suas lutas por libertação do domínio de qualquer que fosse o opressor estrangeiro. No tempo de Jesus, mas também no tempo do evangelista anos mais tarde, diferentes grupos reinterpretavam essa profecia e depositavam num herdeiro real ou simbólico do trono de Davi (no *Filho de Davi*) o sonho de resgatar a terra e a liberdade para seu povo.

⁵ MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Marcos. Texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 9.

A) No caminho para Jerusalém:

a cegueira/incompreensão dos discípulos (Mc 8,30-10,52)

B) Em Jerusalém Jesus enfrenta seus adversários (Mc 11,1-13,36)

C) Paixão, morte e ressurreição mostram o caráter e a plenitude do messianismo de Jesus (Mc 14,1-16,20)

2.2 Mc 10,28-31 DENTRO DO CONJUNTO MAIOR DA NARRATIVA DE Mc 8-10

A estrutura narrativa tal como a vemos quando lemos o texto de Mc 10,28-31 nos indica que estamos chegando ao final do caminho que Jesus faz com seus discípulos em direção à cidade de Jerusalém (Mc 10,52-11,1). Desde o capítulo 8 as controvérsias apontam conflitos internos entre Jesus e seus próprios discípulos. Diferente é o que acontece predominantemente a partir do capítulo 11, pois assim que chegam em Jerusalém os conflitos revelam quem são os adversários, aqueles que serão os responsáveis, ou, no mínimo, cúmplices da morte de Jesus: chefes dos sacerdotes, escribas, anciãos (Mc 11,27), fariseus, herodianos (Mc 12,13) e saduceus (Mc 12,18) e ao final, mais exclusivamente, os escribas (Mc 12,28-40) e os falsos messias (Mc 13).

A ênfase do bloco narrativo em Mc 8,34-10,52 é, desde o primeiro momento com Pedro, a incompreensão dos discípulos que têm dificuldade de realmente admitir quais são as implicações práticas na vida deles do que realmente significa afirmar, pela fé, que Jesus é o Messias:

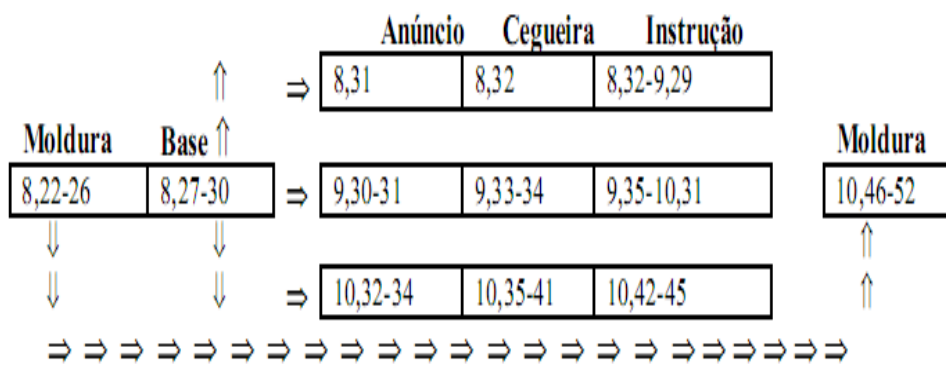
³¹ E começou a ensinar-lhes: ‘O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar’. ³² “Dizia isso abertamente, Pedro, chamando-o de lado, começou a recriminá-lo. ³³ Ele, porém, voltando-se e vendo seus discípulos, recriminou a Pedro, dizendo: ‘Arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!’” (Mc 8,32-33)

A recriminação de Pedro a Jesus testemunha sua dificuldade em entender que o Messias será rejeitado. É como se Pedro dissesse, na melhor das boas intenções: “vira essa boca pra lá Jesus, você é o Messias, vai vencer seus inimigos de qualquer jeito... sofrer que nada!”. Quando ampliamos um pouco mais esse quadro das dificuldades dos discípulos, por sugestão da teóloga

bibliista Katia Rejane Sassi⁶, observamos que o evangelista sugere essa incompreensão como cegueira, pois os textos estão emoldurados por duas curas exemplares de cegos: o primeiro é o cego de Betsaida (Mc 8,22-26); o segundo é de Jericó, Bartimeu (Mc 10,46-52). Vejamos primeiro cada uma dessas cegueiras para compreendermos a estrutura narrativa que revela as causas da “cegueira” dos discípulos situadas entre as duas curas.

2.3 O PRIMEIRO CEGO É CURADO, MAS AINDA NÃO VÊ JESUS (Mc 8,22-26)

Reproduzo abaixo o esquema da Prof^a. Sassi⁷ que interpreta o bloco dos capítulos 8 e 10 de Marcos como momento da narrativa que mostra as causas da cegueira dos discípulos e o esforço de Jesus para fazê-los superá-las.



No meio do quadro estão os três momentos da superação da cegueira: 1º) os três anúncios de Jesus sobre sua paixão, revelando em todas elas que o “Filho do Homem” deve sofrer e ser rejeitado (Mc 8,31; 9,31; 10,33), trata-se da apresentação do modelo ou tipo de Messias que eles devem enxergar em Jesus; 2º) em seguida, a resistência, a cegueira dos discípulos (Mc 8,32; 9,33-34; 10,35-41) em ver o que significa segui-lo de fato; 3º) e, por último, as instruções que explicam o modo como devem proceder aqueles que professam o messianismo do mestre Jesus (Mc 8,32-9,29; 9,35-10,31; 10,42-45).

O foco de nossa análise que está na última parte desse artigo busca esclarecer mais precisamente um dos temas desse segundo bloco de instrução de Jesus a respeito do que significa ser discípulo quando surge a pergunta sobre o que ganham aqueles que deixam tudo para seguir esse tipo de Messias (Mc 10,28-31).

⁶ SASSI, Kátia Rejane. *Evangelhos Sinóticos. O Evangelho Segundo Marcos*. Disponível em: <https://docplayer.com.br/18987788-O-evangelho-segundo-marcos.html#google_vignette> Acesso em: 03 ma. 2024.

⁷ *Ibid.*, p. 3.

Antes, porém, concentremos o olhar para a cura do primeiro cego e vejamos como ela elucida exemplarmente e, com certo tom de ironia, o caráter da cegueira dos discípulos. Resumimos a interpretação dessa primeira cura em apenas alguns pontos para você mesmo verificar como Mc 8,22-26 sugere a cegueira daqueles que estão com Jesus, mas não o enxergam direito.

O cego de Betsaida, comparado com o Bartimeu é trazido a Jesus (Mc 8,22). A voz do verbo é passiva, bem diferente de Bartimeu que grita em atitude ativa para ser ouvido (Mc 10,47). Mesmo sendo tocado por Jesus, o primeiro cego tem muita dificuldade para começar a enxergar e quando vê se engana, percebe “pessoas como se fossem árvores andando” (Mc 8,24). O mais surpreendente é que Jesus está diante dele, o tocou e ele vê outras coisas, menos aquele que está à sua frente. Não reconhece Jesus. Supomos que há uma ironia do evangelista, pois é o que vai acontecer nas narrativas subsequentes (Mc 8-10). Os discípulos estão com Jesus, mas não o conseguem ver tal como ele é realmente. Pedro confirmará essa cegueira logo em seguida (Mc 8,29-32), pois sabe que Jesus é o Cristo, mas continua cego para as consequências dessa confissão de fé. Para nós leitores, talvez ocorram situações semelhantes em nossas vidas. Sabemos quem é Jesus, porém é muito mais difícil assumir o seu seguimento admitindo quais podem ser as consequências.

O primeiro cego foi curado, mas ainda não está pronto, Jesus o mandou de volta para casa, pois não basta recuperar a visão; é preciso aprender a ver, se quiser enfrentar como discípulo, o povoado (Mc 8,26).

2.4 O SEGUNDO CEGO SUPERA SUA INCOMPREENSÃO E VÊ JESUS (Mc 10,46-52)

Bartimeu é um mendigo, vulnerável e abandonado, sentado à beira do caminho (Mc 10,46). Observem quanta representatividade tem esse homem... Quantos seres humanos podem se identificar com Bartimeu ainda hoje! Ele é o exemplo da superação da cegueira dos discípulos.

O cego Bartimeu ouve Jesus e o entende como Filho de Davi. Seu horizonte é de um messianismo poderoso, político e vencedor, entretanto, do seu lugar social marginalizado entende que o poder deve ser assumido não para violentar e dominar as pessoas; ao contrário, como na instrução de Jesus que acabara de ser pronunciada, deve ser exemplo de “serviço e resgate de muitos” (Mc 10,41-45). Por isso, ele clama compaixão não só uma, mas duas vezes!

E o faz a quem ele reconhece como Filho de Davi (Mc 10,47.48). Ele insiste, embora muitos o repreendam para que se cale (Mc 10,48).

Contra todas as expectativas dos que o tentaram calar, a cura de Bartimeu acontece quando Jesus reage e pede para que o tragam até ele. Vejam como é o oposto do que acontece com o cego de Betsaida. A iniciativa agora foi de Bartimeu que mesmo cego clama compaixão ao Filho de Davi. No entanto, há ainda uma coisa mais intrigante nesse relato de cura que parece não ser notada por certos leitores mais desatentos. Atenção ao verso 51 e 52 que concluem o relato:

⁵¹Então Jesus lhe disse: ‘Que queres que te faça? O cego respondeu: “*Rabbuni!* Que eu possa ver novamente!” ⁵²Jesus lhe disse: “Vai, tua fé te salvou”. No mesmo instante ele recuperou a vista e o seguia no caminho (Mc 10,51-52).

Jesus não o manda para casa e não o impede de entrar no povoado como fez com o cego de Betsaida. Ao contrário, Bartimeu se integra ao grupo dos discípulos para assumir o caminho. O que aconteceu de diferente em relação à cura do primeiro cego? Muita coisa. Algumas já foram destacadas, mas falta uma diferença importante para analisarmos Mc 10,28-31 na última parte desse trabalho. E consiste na maior ironia do evangelista: antes mesmo de ser curado, o cego Bartimeu, em resposta a Jesus, já parece enxergá-lo e não mais o chama de Filho de Davi, mas de “*Rabbuni*”, que significa “meu Mestre”.

O reconhecimento de Jesus como “Mestre” e não como “Filho de Davi” faz toda a diferença, pois é nesse instante que ele recupera a vista e passa a seguir o caminho. Jesus também o reconhece como modelo de quem testemunhou a fé que salva. A fé de pessoas como Bartimeu nos salva não só da cegueira, nos salva da exclusão, da marginalidade e da dor que significa mendigar à beira do caminho. Salva-nos também da cegueira de *achar* que Jesus é o Messias segundo o modelo do Filho de Davi, padrão ideológico mais comum para legitimar representantes e líderes de poderes opressores.

O relato da cura de Bartimeu mostrou que ele é protagonista de uma comunidade de discípulos que caminham com Jesus. E que valor tem isso? Talvez alguns achem que a resposta seja simples para pessoas como Bartimeu que estavam sem nada, na dependência dos outros, à beira do caminho. Entretanto, o que se ganha quando o discípulo não é como Bartimeu, mas tem muito, ou pelo menos acha que tem, e larga tudo? Alguns, como Pedro, chegam a afirmar, “deixamos tudo” para te seguir (Mc 10,28). Qual é a recompensa? Vejamos o que Jesus responde?

3. QUAL É A NOSSA RECOMPENSA?

Chegamos finalmente ao ponto enunciado no título. O que ganhamos quando deixamos tudo para seguir Jesus (Mc 10,28-31)? A resposta é curta e simples, o que não significa que seja fácil compreendê-la. Acreditamos que seja uma das respostas mais complexas do ponto de vista da vida que cada um de nós assume quando pretende buscar coerência no seguimento de Jesus.

Para entrar no que realmente está em jogo quando lemos Mc 10,28-31 propomos que se leia o quadro mais amplo do capítulo 10 e mais especificamente dois relatos sobre o Reino de Deus em que se discute uma questão central: Quem entra no Reino? No primeiro, Jesus afirma: “Aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele” (Mc 10,15b). No segundo, há uma polêmica discussão sobre a riqueza. O homem rico, apesar de ser um cumpridor de seus deveres religiosos não é capaz de deixar tudo o que tem para entregar aos pobres (Mc 10,17-22).

Nesses dois relatos que antecedem o tema da recompensa foi apresentado o tema do Reino de Deus. Qual deve ser a postura, o comportamento daquele que entra no Reino de Deus? Deve ser no primeiro relato, semelhante ao da criança (Mc 10,15b) e; no segundo, semelhante ao de quem é capaz de dar todos os seus bens aos pobres (Mc 10,21).

No primeiro relato o modelo da criança abre margem para muita interpretação, embora a ideia de vulnerabilidade, dependência da família, cuidado, fragilidade e carência, além de outras possibilidades como inocência, simplicidade e generosidade, também podem ser acrescentadas. Em relação aos pobres, o protagonismo deles no Reino de Deus é muito claro em outros Evangelhos (Lc 4,16s; 6,20s; Mt 5,1s; 25,31s) e a considerar a prática de Jesus em Marcos, está evidenciado não só na cura do cego de Jericó (Mc 10,46-52), mas também na condição dos discípulos, tanto antes (Mc 1,16s), quanto depois de assumirem o discipulado (Mc 6,8s) e na imensa multidão de doentes (Mc 1,32-34; 3,7-12) e famintos (Mc 6,30-44; 8,1-10) que o procuram em busca de cura e superação de suas dificuldades.

Portanto, uma das chaves para se compreender a questão da recompensa está prenunciada: é ganhar o Reino de Deus como crianças e pobres (Mc 10,13-27).

O tema sobre a recompensa exige inversão de valores e dos *status* vigentes naquela sociedade do tempo de Jesus, vista pelo evangelista como desafio inclusive aos seus leitores mais próximos, os quais, provavelmente, já perderam ou estão para perder tudo o que têm se a guerra não acabar. Afinal, o contexto dele é o da guerra judaica entre 66-70 d.C. como já vimos

na primeira parte. Analisemos no texto a resposta de Jesus e o que ela pode indicar para nós, leitores do Evangelho e seguidores do mestre Jesus hoje.

3.1 ANÁLISE LITERÁRIA DA RESPOSTA DE JESUS (Mc 10,29-30)

Antes de mais nada transcrevemos aqui as palavras traduzidas da Bíblia de Jerusalém⁸:

²⁹Jesus declarou: “Em verdade vos digo que não há quem tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou terras por minha causa e por causa do Evangelho, ³⁰que não receba cem vezes mais desde agora, neste tempo, casas, irmãos e irmãs, mãe e filhos e terras, com perseguições; e, no mundo futuro a vida eterna (Mc 10,29-30).

A resposta de Jesus a Pedro apresenta-se na forma de uma sentença cujo tipo literário mistura o que os analistas chamam de “Paralelismo sinonímico” e “Paralelismo sintético”:

O judaísmo anterior e contemporâneo a Jesus fazia amplo uso do paralelismo para expressar suas ideias. Trata-se de um recurso empregado mais na poesia do que na prosa. [...] Trata-se de um meio usado para expressar posicionamentos e conteúdos em que as frases de um versículo (ou, excepcionalmente, mais versículos) estão dispostos de tal maneira que duas linhas (ou membros) de um mesmo período se correspondem. Essa correspondência pode ser de natureza sinônima, sintética, antitética ou culminativa. [...] Paralelismo sinonímico: apresenta a mesma ideia repetida com outras palavras [...] Paralelismo sintético: apresenta, na segunda linha ou membro, uma continuação da ideia da primeira linha (ou membro), acrescentando-lhe novos aspectos ou explicações.⁹

A forma da resposta de Jesus procura traçar um paralelo entre o que se perde e o que se ganha. A maior parte dos elementos que se perde no primeiro período (verso 29) são repetidos no segundo período (verso 30). Até aqui temos uma sentença sinonímica. Entretanto, no segundo período há uma continuação do primeiro com uma alteração importante e um acréscimo considerável, o que permite identificar a sentença como paralelismo sintético.

Vamos reescrever o texto destacando esse paralelismo, separando e identificando com números palavra por palavra:

v. 29:

Jesus declarou: Em verdade vos digo que não há quem tenha deixado

- 1) CASA,
- 2) IRMÃOS,
- 3) IRMÃS,

⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2017.

⁹ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 90-91.

- 4) MÃE,
5) PAI,
6) FILHOS ou
7) TERRAS

por minha causa e por causa do Evangelho,
v. 30:
que não receba CEM VEZES MAIS, DESDE AGORA, NESTE TEMPO,

- 1) CASAS,
2) IRMÃOS,
3) IRMÃS,
4) MÃE,
5) _____ ????

- 6) FILHOS e
7) TERRAS

Com PERSEGUIÇÕES, e no mundo futuro, a VIDA ETERNA.

O paralelismo é evidente e deixa claro na sequência detalhada e na mesma ordem, nas duas sentenças, não só que as mesmas coisas que se perde são as mesmas que se ganha cem vezes mais. Porém, há diferenças ou destaques importantíssimos para se notar. Nomeio cinco deles:

- 1º) Perde-se casa (no singular) e ganha-se casas (no plural);
- 2º) Perde-se filhos **ou** terras e ganha-se filhos **e** terras;
- 3º) Perde-se pai, mas o “pai” é o único termo que não reaparece na sentença que indica o que se ganha.
- 4º) São sete termos para indicar o que se perde e, se considerarmos, a “vida eterna” como mais um item da lista do que se ganha, tal como realmente é afirmado, embora se tenha retirado o pai, continuam sete os termos no segundo período.
- 5º) Na sequência de sete termos, a mãe é o quarto, o que na lógica de sentenças com estruturas concêntricas¹⁰, a coloca como centro de importância fundamental na declaração de Jesus.

Uma vez feita essa breve análise literária, o que se pode concluir e interpretar do texto de Mc 10,27-31 como unidade narrativa?

¹⁰ “As Estruturas concêntricas, que se caracterizam por apresentar vários elementos equidistantes de um centro comum. No centro da frase ou do texto há um elemento sem correspondência em relação ao qual se equidistam os elementos pares que se correspondem. O esquema segue, nestes casos, o tipo a-b-c X c’-b’-a’, em que o “X” é o centro agregador do texto”. (Cf. WEGNER, *Op. Cit.*, p. 92). No caso das duas sentenças não estabelecemos as correspondências, mas é visível que o termo mãe fica no centro tanto das coisas que se perde quando das que se ganha.

3.2. INTERPRETAÇÃO SOCIORRELIGIOSA DA RESPOSTA DE JESUS

A interpretação sociorreligiosa¹¹ tem como perspectiva principal na análise de um texto bíblico o significado social da fé religiosa ali enunciada. O texto é expressão da fé religiosa de um ou vários grupos e como tal tem uma significação social dentro de seu contexto histórico específico. No caso de Mc 10,28-31, o significado sociorreligioso é muito forte, pois pressupõe categorias da fé religiosa no compromisso com o seguimento de Jesus confessado como Messias e o grau de retorno que esse comprometimento oferece aos que o seguem. Não se trata de um retorno restrito ao mundo do além, no céu ou, como o texto chega a afirmar, apenas para o futuro. Trata-se de uma recompensa neste mundo para já, “desde agora, neste tempo” (Mc 10,30a).

Como entender então essa recompensa admitida por Jesus aos que o seguem sem deslocá-la apenas como prêmio para a outra vida depois da morte? Que significado tem a proposta de Jesus para aqueles que o seguem no momento presente?

A leitura mais literal é aquela que admite a inversão da lógica dominante. A **casa**, o primeiro termo (do verso 29), tomada no singular, segundo o modelo da família patriarcal cujo centro dominante é o pai, em nome do Evangelho e por causa de Jesus é abandonada, deve ser deixada para trás e se perde. O que se recebe em troca é muito mais, cem vezes mais (verso 30) ... **casas**, estas agora não mais centradas na figura patriarcal, pois ela desaparece para colocar a mãe no centro e a vida eterna como complemento no lugar do pai.

É surpreendente, mas o Evangelho já vinha anunciando esse modelo de família que deve ser assumido pela comunidade. Jesus já havia declarado com todas as letras que a comunidade cristã, testemunha do Reino de Deus aqui e agora não tem mais a família tradicional como seu modelo:

³¹Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. ³²Havia uma multidão sentada em torno dele. Disseram-lhe; “Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram”. ³³Ele perguntou: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” ³⁴E, repassando com o olhar os que estavam sentados

¹¹Algumas das principais tarefas ou características da interpretação sociorreligiosa aplicada ao texto bíblico é verificar a partir do texto: “Quais são as tradições religiosas que o autor usa para construir sua ideologia? O que ele retira do ambiente religioso do judaísmo e em maior escala do mundo antigo em geral? O que ele retira do ambiente religioso de seus adversários? O que ele retira do ambiente religioso de sua própria comunidade? [...] De que forma o autor modificou estas tradições religiosas a fim de proporcionar um novo significado dentro de uma estrutura tradicional, uma estrutura que permanece compreensível para seu público? Cf. DE CONICK, April D. “Voices of the mystics: early Christian discourse in the Gospel of John and Thomas and other ancient Christian literature”. *Supplement to Journal for the study of the New Testament*, 157. Sheffield Academic Press, 2001, p. 16.

ao seu redor, disse: “Eis a minha mãe e os meus irmãos. ³⁵Quem fizer a vontade de Deus, esse é o meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3,31-35).

Aqui também o pai está ausente. O Evangelho segundo Marcos jamais menciona José, o pai adotivo e terreno de Jesus como vemos em Mt 1,18s; nem quando em Nazaré é reconhecido como carpinteiro e filho de Maria (Mc 6,3). Mateus, inclusive, reescreve esse mesmo texto de Marcos, alterando-o: “Não é ele o filho do carpinteiro?” (Mt 13,55). Obviamente, o evangelista Mateus assim escreveu para dar vez, voz e coerência à tradição que ele mesmo interpretou ao colocar, no início de seu Evangelho, José como protagonista, elevando-o à categoria de justo por ter decidido repudiar Maria em segredo, sem denunciá-la publicamente (Mt 1,19), uma vez que ele “antes que coabitasse, a encontrou grávida pelo Espírito Santo” (Mt 1,18). Contudo, depois de ouvir a voz do anjo do Senhor em sonho, ele resolve muito mais do que abandonar Maria secretamente e decide acolhê-la em sua casa (Mt 1,19.24).

Em relação aos outros termos, tudo é mantido e ampliado para cem vezes mais. Irmãos, irmãs, mãe, filhos e terras. O detalhe é que a mãe se mantém como termo no singular. Entendemos que talvez o texto queira sugerir que a mãe ainda que se deixe por causa de Jesus e do Evangelho, nunca se perde e que a identidade dela para cada um é única, mesmo que a perspectiva agora seja a da família ampliada da comunidade cristã.

Outra observação importante entre muitas outras que você leitor também deve estar se fazendo diante de tanta surpresa. A promessa de recompensa de casas e terras cem vezes mais deve ser lida na ótica da sociedade de mercado que entende tudo isso segundo a lógica da posse privada, do preço e do mérito? Será que é isso que Jesus está propondo como esperança aos seus seguidores que largaram tudo? Ou será que é uma exigente reviravolta no modo dos discípulos ver e se relacionar com coisas e pessoas, inclusive com a família e a sociedade envolvente? Afinal, para entrar no Reino de Deus Jesus não acabou de dizer que faltava uma coisa para o homem rico?

²¹ Fitando-o, Jesus o amou e disse: “Uma só coisa te falta: vai, vende o que tens, dá aos pobres e terá um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me”. ²²Ele, porém, contristado com essa palavra saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens (Mc 10,21-22).

Realmente ainda há muito o que refletir sobre esse texto tão complexo e desafiador. No contexto de guerra muitos perdem tudo e não são só coisas e propriedades que se esvaem. A

vida que é tão sagrada, a dos seus entes mais queridos, além é claro, a dos outros que se mata. E o que é pior, perde-se a própria vida quando ela é devotada ao ódio contra o inimigo. Mesmo que saíamos vitoriosos ou sobreviventes de uma guerra, a dignidade da vida plena orientada para o amor entre irmãos já se perdeu faz tempo.

CONCLUSÃO

E a interpretação teológica professor? Essa é uma pergunta que alguns alunos às vezes nos fazem ao final de uma análise exegética. A teologia é sempre o desafio maior da interpretação bíblica. Talvez seja o desafio mais difícil da vida. Viver é muito perigoso repete com insistência Riobaldo, protagonista da obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa¹².

A teologia já não estava pressuposta em cada palavra aqui escrita quando você abriu essa revista procurando alimentar e compreender melhor o que acredita e professa como discípulo de Jesus? Não foi a sua fé que te mobilizou para ler esse texto? Pois a teologia se constrói nessa busca por um entendimento da fé que temos em Deus e que nos abre para compreender tudo o que vivemos segundo essa mesma fé. Não se trata de negar o fato vivo dos acontecimentos e das dimensões concretas da vida que nem sempre são, à primeira vista, religiosos, mas com certeza contém o sopro divino que move todo o ser vivente. Fazemos teologia quando encontramos e reconhecemos esse sopro divino do Espírito em qualquer coisa que nos faça viver melhor na relação com o mundo, os outros e nós mesmos.

Uma coisa profundamente teológica precisa ser declarada em relação a esse texto que apenas começamos a analisar e ainda não foi expresso, mas há um realismo doloroso no seguimento de Jesus, segundo Marcos. Toda recompensa vislumbrada na ótica de Jesus como resposta a Pedro é anunciada com sofrimento, “com perseguições” (Mc 10,30). Mas se serve de consolo, essa não é a última palavra do texto. O que virá é sempre a “vida eterna” que alguns preferem traduzir por vida plena.

E se você ficou intrigado com o lugar do pai que desaparece no elenco das coisas que se ganha, na verdade sugerimos que esse seja o lugar em que se deva enxergar o Deus de Jesus que em Marcos não é chamado de Pai, mas de Deus mesmo com tudo o que significa o Reino que Ele nos propõe através da prática e das palavras de Jesus.

¹² GUIMARÃES ROSA. *Grande sertão: veredas*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 32.

No divino homem de Nazaré encontramos a melhor e mais perfeita imagem do que se pode ter de Deus. Essa é a nossa fé e o texto de Mc 10,28-31 é uma luz para encontrar o verdadeiro sentido do que significa ganhar e perder quando se segue Jesus.

Uma palavra final. Quando lemos os textos bíblicos e através deles encontramos essa Palavra de Deus oferecendo, ainda que com perseguições, vida plena e transformando o modo como vemos as coisas, estamos produzindo teologia porque compreendemos melhor o que devemos fazer com a fé que professamos. Neste sentido, terminamos com uma citação do que escrevemos há muitos anos sob a inspiração do Evangelho segundo Marcos:

“Com efeito que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e arruinar a sua própria vida?” (Mc 8,36) Texto instigante, convoca-nos a uma intrigante ruptura com a lógica natural e previsível do mundo em que vivemos. Conforme o enunciado, ganhar o mundo significa perder a vida. Portanto, na ótica de Jesus, “ganhar” não constitui a experiência essencial da vida humana, o que não significa necessariamente que devemos desejar a perda. Contudo, uma tal palavra de Jesus aponta para o fato de que a vida não vale apenas pelo sucesso, pela vitória ou ainda pelo que podemos contabilizar como ganho. A vida vale por si mesma e o que verdadeiramente importa é o viver mergulhado nos princípios da justiça, o que em Jesus se identifica com o modelo de vida desejado por Deus: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33)¹³.

Esperamos que o texto de Mc 10,28-31 continue despertando sua curiosidade e mobilize ainda mais indagações e outras inquietações. Ficou muita coisa para analisar que não caberia aqui nestas páginas. Mas se você quer continuar investigando a respeito de tudo isso que foi aqui objeto de nosso diálogo, para entender melhor o que Jesus propõe para nós como recompensa, o objetivo foi atingido, afinal é o mestre quem diz e conclui assim o nosso texto para que ninguém se sinta nem primeiro, nem o último, ou se achar que está em algum desses lugares, saiba que tudo pode mudar, pois: “Muitos dos primeiros serão últimos, e os últimos serão primeiros” (Mc 10,31).

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2017.

DE CONICK, April D. Voices of the mystics: early Christian discourse in the Gospel of John and Thomas and other ancient Christian literature. *Suplement to Journal for the study of the New Testament*, 157. Sheffield Academic Press, 2001.

¹³ LARA, Valter Luiz. Por uma ética da perda. 3ª e última parte. Pensando alternativas para que as relações humanas não continuem presas à lógica perversa da exclusão. *Revés do Avesso*. São Paulo: CEPE – Centro ecumênico de Publicações e Estudos “Frei Tito de Alencar Lima”, a. 7, n. 6, junho, 1998, p. 22.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo, Paulus, 1995

JOSEFO, Flávio. *Guerra dos Judeus. História da guerra entre judeus e romanos*. Lisboa: Sílabo, 2021.

LARA, Valter Luiz. Por uma ética da perda. 3ª e última parte. Pensando alternativas para que as relações humanas não continuem presas à lógica perversa da exclusão. *Revés do Avesso*. São Paulo: CEPE – Centro ecumênico de Publicações e Estudos “Frei Tito de Alencar Lima”, a. 7, n. 6, junho, 1998.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Marcos. Texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina. I- De Paulo à Era Constantiniana*. São Paulo: Loyola, 1996.

SASSI, Kátia Rejane. *Evangelhos Sinóticos. O Evangelho Segundo Marcos*. Disponível em: <https://docplayer.com.br/18987788-O-evangelho-segundo-marcos.html#google_vignette> Acesso em: 03 ma. 2024.

THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 1989.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.